

Colunista

29ª Bienal de Arte de São Paulo

**Zilda Maria Beltrão Fraletti**

graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 24 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Na Lush, ela divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

- zildafraletti@revistalush.com.br -

Acontece no Parque do Ibirapuera até o dia 12 de dezembro a 29ª Bienal de Arte de São Paulo, um dos maiores eventos artísticos do mundo, ao lado da Bienal de Veneza e da Documenta de Kassel. Ao contrário da edição anterior, que ficou conhecida como "Bienal do Vazio", e que registrou a menor presença de público dos últimos dez anos, esta edição da Bienal promete atrair um público muito grande. Acontecem também exposições paralelas junto às redes de museus de São Paulo e o projeto de levar, em 2011, partes da mostra para outras cidades brasileiras, tornando a Bienal um evento de alcance nacional. A Bienal de 2010 está ancorada na ideia de que é impossível separar a arte da política, em um mundo cheio de conflitos e questionamentos. A arte pode se impor como meio de apreender e transformar a realidade, questionando a maneira como entendemos o mundo e inserindo nele temas e atitudes que não existiam anteriormente. Desta forma, a arte torna-o maior e mais significativo. >



O título dado à exposição, "Há sempre um copo de mar para um homem navegar" - emprestado de um verso do poeta Jorge de Lima em sua obra *Invenção de Orfeu* (1952) –, sintetiza o que se busca com esta edição da Bienal de São Paulo: ser um momento de desconcerto dos sentidos e, ao mesmo tempo, de geração de conhecimento que não se encontra em nenhuma outra parte. Pretende, por tudo isso, envolver o público na experiência sensível que as obras expostas promovem, e também na capacidade de refletir criticamente o mundo em que vive.



Henrique Oliveira está entre as principais promessas nacionais das artes plásticas. Ele começou com pintura, mas alcançou a fama com as peças tridimensionais, feitas com camadas de tapumes e compensados de madeira, material de segunda mão que pega nas ruas da cidade. Essas obras enormes, muitas vezes são programadas como espécies de túneis para o público percorrer. A instalação *A Origem do Terceiro Mundo* foi criada especialmente para o pavilhão da Bienal. >



A exposição conta com cerca de 160 artistas de diversas partes do mundo e não considera a sua origem geográfica, confirmando assim a abolição das chamadas "representações nacionais" que norteavam a organização da mostra até poucos anos atrás. Os trabalhos expostos independem da época em que foram criados. Alguns deles datam da primeira metade do século 20, o que fica claro com a escolha do modernista Flávio de Carvalho (1899-1973). >

A obra "Lembrança e Esquecimento", de Ernesto Neto, é um dos chamados "terreiros" da Bienal - espaços de performance, exibição de filmes, encontros e relaxamento

As obras do pernambucano Gil Vicente estão entre as que mais causaram polêmica nesta Bienal. Em seus desenhos, ele explora o jogo de contrastes com o uso de nanquim ou carvão sobre o papel branco. As figuras retratadas mostram rostos angustiados. Gil apresenta a série Inimigos, de 2005, com dez autorretratos, em que aparece apontando uma arma para grandes personagens da política, como a rainha Elizabeth II, da Inglaterra, Fernando Henrique Cardoso, Lula e o ex-presidente dos Estados Unidos George Bush.





*"Strassenfest",
instalação da alemã
Isa Genzken, reúne
sobras de festa de rua*

A distribuição dos artistas pelos 27 mil m² de área expositiva foge do modelo convencional. As obras são organizadas em espécies de ilhas, permitindo que os espectadores criem seus próprios percursos. Seis "terreiros", como são chamados os espaços de descanso, têm uma programação paralela, com espetáculos de teatro, dança, música e performances, além de palestras e projeções.



Uma instalação de Nuno Ramos causa impacto no espectador assim que entra no prédio da Bienal. Delimitada por uma rede, a obra ocupa todo o vão central do prédio; em seu interior há três urubus vivos, três estruturas geométricas e três postes construídos com areia negra. De caixas acústicas, com som alto, saem as músicas Bandeira Branca, Carcará e Boi da Cara Preta, sincronizadas de forma a terminarem juntas, com seus intérpretes, Arnaldo Antunes, Mariana Aydar e Dona Inah, unindo-se em coro para gritar: "Nada é!". Tudo isso enquanto os urubus, aves conhecidas tanto pelo gosto por carniça quanto pela beleza aerodinâmica de seus voos, planam à vontade. >



Um dos mais influentes artistas chineses da atualidade, **Ai Weiwei** é um ativista político declarado: ele mantém um blog que sai frequentemente do ar, censurado por causa de suas fortes denúncias contra a corrupção em seu país. Para esta Bienal, Weiwei traz a série *Circle of Animals* (Círculo de Animais), 12 esculturas que são réplicas de bronze de obras descobertas em um sítio arqueológico da China e que remetem aos símbolos do zodíaco. A história antiga de seu país é tema de seus trabalhos, chamando a atenção para o crescimento e modernização vertiginosos do país.

Trabalho da italiana **Anna Maria Maiolino** montado na 29ª Bienal. Em "Arroz e Feijão", instalação feita durante a ditadura militar brasileira e poucas vezes remontada desde a volta do regime democrático, brotam sementes de arroz e feijão em pratos de louça servidos sobre uma longa e sombria mesa negra.

Para os curadores, o tema da Bienal vai muito além do que se convencionou chamar de "arte política" nos tempos da ditadura. A sociedade atual é bem mais complexa e, naturalmente, a arte continua tomando posições. No conceito expandido de política proposto pelos curadores da Bienal, encaixam-se os criadores capazes de causar algum tipo de estranhamento nos espectadores.

